

COMPETITIVIDADE E DESEMPENHO EXTERNO DOS ESTADOS DA REGIÃO NORDESTE DO BRASIL NO PERÍODO 1995-2004

Francisca Diana Ferreira Viana é economista graduada pela Universidade Federal do Ceará e, atualmente, é pesquisadora do Núcleo de Economia Aplicada do IEUFU - Instituto de Economia da Universidade Federal de Uberlândia.

Endereço: Rua Maria das Dores Dias, nº. 941, ap. 401, CEP: 38408-206. Santa Mônica, Uberlândia – Minas Gerais. Telefone: (34) 3223-4116

Endereço eletrônico: dianaufu@yahoo.com.br

O Prof. **Dr. Clésio Lourenço Xavier** é, atualmente, Professor Adjunto II, no Instituto de Economia da Universidade Federal de Uberlândia, onde ministra as disciplinas de Economia Neoclássica e Economia Internacional, na Graduação. Atuou também como Analista em C&T do Ministério da Ciência e Tecnologia - MCT (2003), onde foi Membro do Grupo Interministerial: ALCA - capítulo: Compras Governamentais (2003). Além disso, foi Consultor em Comércio Exterior do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial - IEDI (1998-2002).

Endereço: Alameda Jacy Gonçalves Nº. 58 – Bairro Jardim das Acácias – CEP: 38411-208
Uberlândia-MG

Endereço eletrônico: clesio@ie.ufu.br

ÁREA DE INTERESSE: ÁREA 1 - ECONOMIA REGIONAL E AGRÍCOLA

RESUMO

O objetivo principal deste trabalho foi identificar, através de indicadores de competitividade, os setores de exportação mais competitivos ou “pontos fortes” do comércio exterior de cada estado da região Nordeste no período 1995-2004. Além disso, procurou-se mensurar o grau de diversificação e especialização da pauta de exportação da região. Concluiu-se, pelo resultado dos indicadores, que a maioria dos estados da região Nordeste, concentrou seus “pontos fortes” em poucos setores, apresentando uma pauta pouco diversificada, além de pouco especializada onde, de um modo geral, os setores intensivos em recursos naturais e mão-de-obra tem uma participação ainda muito significativa nesta pauta.

Palavras-chave: Região Nordeste, Competitividade e Exportações.

ABSTRACT

The main objective of this paper it was to identify, through indicators of competitiveness, sectors of exportations more competitives or “strong points” of foreign trade of each Northeast state from 1995 to 2004. Moreover, it was searched to bow the diversification degree and specialization of the export composition of region. It was concluded that, according to the indicators results, the main part of the Northeast states, concentrated your “strong points” in a few sectors, showing a composition not so diversified, yonder less specialized and, in conclusion, the sectors intensive in nature resources and labor have a expressive participation in this composition.

Key words: Northeast Region; Competitiveness and Exportation

1- INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas do século XX, a economia mundial passou por diversas transformações que, de uma forma resumida, fundamenta-se na integração econômica, liberalização comercial e financeira, adotando o mercado como impulsionador do desenvolvimento e do bem-estar econômico. Com isso, os países em desenvolvimento, a partir dos anos 70, aderiram a esse processo, fazendo da liberalização do mercado financeiro e de bens, a condição necessária para a alavancagem do desenvolvimento econômico.

A abertura comercial destas economias teve como consequência a intensificação da competição, tornando a competitividade e a especialização produtiva como objetivo principal a ser alcançado, pois é a partir do ganho de competitividade e do aumento da especialização que estes países se inserem virtuosamente no comércio mundial de mercadorias.

No caso brasileiro, a inserção no mercado globalizado explicitou a questão das assimetrias regionais, já que as regiões brasileiras elegeram a variável exportação como uma forma de alcançar crescimento e, possivelmente, desenvolvimento econômico. A partir de tal pressuposto os estados da região Nordeste do Brasil vêm nos últimos anos tentando ampliar e melhorar a qualidade de sua inserção externa.

Para visualizar em que grau a economia nordestina está inserida na economia internacional, o presente trabalho verificou, através de indicadores de competitividade, o comportamento do comércio exterior nordestino no período 1995-2004 para, assim, identificar os setores produtivos da região Nordeste que apresentaram durante esse período maior competitividade e grau de especialização.

A escolha do período em questão buscou abranger o momento em que a abertura comercial da economia brasileira já estava consolidada, e os indicadores calculados identificaram os setores que tem uma maior expressão dinâmica no comércio exterior da região Nordeste, ou seja, aqueles setores que vem ganhando competitividade no mercado internacional, ou ainda o que GUTMAN & MIOTTI apud HIDALGO (1998) chamam de “pontos fortes” do comércio exterior, identificando, também, os setores que apresentaram maior especialização para a região em comparação com o Brasil.

A identificação dos “pontos fortes” de cada estado e dos setores em que a região é relativamente mais especializada que o Brasil pode dar suporte para futuras políticas setoriais de incentivo as exportações estadual e regional, não apenas para aqueles setores mais dinâmicos, como também para aqueles que têm potencialidade para despontar nas exportações de cada estado.

2- ASPECTOS METODOLÓGICOS

O trabalho avaliou o comportamento do comércio exterior da região Nordeste, englobando seus nove estados (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Pernambuco, Paraíba, Piauí, Rio grande do Norte e Sergipe) no período 1995-2004; por meio de cálculo de indicadores que medem o grau de competitividade de um setor produtivo foram identificados os “pontos fortes” no comércio exterior para o período considerado, ou seja, foram apontados os setores produtivos de maior competitividade para cada um dos nove Estados. Além disso, identificaram-se os setores em que a Região possuía maior nível de especialização em comparação com o Brasil no período em questão.

Para isto foi utilizada a base de dados da Secretaria do Comércio Exterior (SECEX) do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (MDIC) do Brasil, disponível através do Sistema ALICE (Sistema de Análise das Informações de Comércio

Exterior)¹ para exportação e importação discriminada por estado e por capítulos, os quais correspondem aos setores produtivos e estão enumerados de 1 (um) a 99 (noventa e nove) de acordo com a Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM) sendo definidos pelo MDIC (2004) como correspondendo a todo produto objeto de uma importação ou exportação².

Os seguintes indicadores foram calculados: Índice de Concentração das Exportações por Setor (ICS); o indicador de Vantagem Comparativa Revelada (VCR); Taxa de Cobertura das Importações (TC); Indicador de Comércio Intra-Setorial e o Coeficiente de Especialização Relativa (CSR).

O indicador ICS é conhecido como coeficiente de Gini-Hirschman, LOVE (1979) argumenta que quanto mais concentradas as exportações em poucos produtos e países de destino, mais a economia estará sujeita a flutuação de demanda o que implica mudanças bruscas nas receitas de exportação.

O ICS é dado pela seguinte expressão 1:

$$ICS = \sqrt{\sum_i \left(\frac{X_{ij}}{X_j} \right)^2} \quad 1$$

Onde:

X_{ij} - representa as exportações do setor i pelo estado j;

X_j - representa as exportações totais do estado j.

Este índice varia entre 0 (zero) e 1 (um), e quanto mais próximo de 1 (um) mais concentradas serão as exportações do estado em poucos produtos, caso contrário, ou seja, quanto mais próximo de zero mais diversificada será a pauta de exportação do estado.

O indicador VCR mensura a tendência de especialização internacional de uma economia, foi originalmente criado por BALASSA apud HIDALGO (1998) com base no conceito de Vantagem Comparativa Revelada, os índices de VCR servem para descrever os padrões de comércio que estão tendo lugar na economia, mas não mostram se estes padrões são ótimos ou não.

Tal indicador pode ser expresso da seguinte forma:

$$VCR_{ij} = \frac{X_{ij} / X_{iNE}}{X_j / X_{NE}} \quad 2$$

Onde:

X_{ij} - representa as exportações do setor i pelo estado j

X_{iNE} - são as exportações do setor i da região Nordeste;

X_j - representa as exportações totais do estado j

X_{NE} - são as exportações totais da região Nordeste, ou zona de referência.

Se o VCR_{ij} for maior que a unidade o setor i apresenta vantagem comparativa revelada para o estado j, e se o VCR_{ij} for menor que a unidade o setor i apresenta desvantagem comparativa revelada para o estado j.

Segundo HIDALGO (1998) o índice de VCR fornece um indicador da estrutura relativa das exportações de uma região ou país. Quando uma região exporta um volume grande de um determinado produto em relação com o que é exportado pelo país desse mesmo produto, isso sugere que a região conta com vantagem comparativa na produção desse bem.

A Taxa de Cobertura das Importações (TC) indica em quantas vezes o volume das exportações do setor i está cobrindo o volume de importação do mesmo, e é expresso como segue:

¹ O Sistema Alice está disponível na *site* do MDIC na seguinte página: <http://aliceweb.desenvolvimento.com.br>

² Para efeito de classificação de mercadorias, o Brasil passou a utilizar, desde 1996, a Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM), utilizada igualmente pelos demais países partícipes do bloco (Argentina, Paraguai e Uruguai) baseado no Sistema Harmonizado de Designação e de Codificação de Mercadorias (SH) (MDIC, 2004).

$$TC_{ij} = \frac{X_{ij} / M_{ij}}{X_{iNE} / M_{iNE}} . \quad 3$$

Em que:

X_{ij} - representa as exportações do setor i pelo estado j

M_{ij} - são as importações do setor i pelo estado j;

X_{iNE} - são as exportações do setor i da região Nordeste;

M_{iNE} - são as importações do setor i da região Nordeste.

Quando TC_{ij} é maior que a unidade identifica-se uma vantagem comparativa em termos de cobertura das importações, ou seja, as exportações do setor i no estado j teria uma dimensão maior, quando comparadas às importações do mesmo setor (FONTENELE; MELO & ROSA, 2000).

O comércio intra-setorial consiste na exportação e importação simultâneas de produtos classificados dentro de um mesmo setor produtivo. Esse tipo de comércio é explicado pelas economias de escala e pela diferenciação de produtos. Assim, quanto mais integrado for o estado ao comércio internacional maior seu comércio intra-setorial, refletindo um maior nível de especialização, o indicador utilizado para calcular o comércio intra-setorial é o sugerido por GRUBEL & LLOYD apud HIDALGO (1998) dado pela expressão:

$$GL = 1 - \frac{\sum_i |X_{ij} - M_{ij}|}{\sum_i (X_{ij} + M_{ij})} . \quad 4$$

Onde:

X_{ij} - representa as exportações do setor i pelo estado j;

M_{ij} - são as importações do setor i pelo estado j;

Este indicador também varia entre 0 (zero) e 1 (um), sendo que quanto mais próximo de um, maior será o comércio intra-setorial e quanto mais próximo de zero, menor será este comércio.

A identificação dos setores de exportação mais competitivos ou “pontos fortes” se deu através do critério de GUTMAN & MIOTTI apud HIDALGO (1998), este critério analisa os “pontos fortes” de comércio exterior de uma economia observando que setores possuem simultaneamente Vantagem Comparativa Revelada (VCR) e Taxa de Cobertura das Importações (TC) maior que a unidade. A análise será feita para o período 1995-2004, com o objetivo de verificar possíveis mudanças na pauta de exportação de cada estado ao longo do período em questão.

Após a identificação dos “pontos fortes” de cada estado da região Nordeste analisou-o o grau de especialização dos setores produtivos da região Nordeste em relação ao Brasil através do Coeficiente de Especialização Relativa (CSR), que pode ser interpretado a partir do peso das exportações do setor i nas exportações totais da região relativo ao peso do mesmo setor nas exportações totais do Brasil. Tal indicador pode ser expresso como segue:

$$CSR = \frac{X_{iNE} / X_{NE}}{X_{iBR} / X_{BR}} \quad 5$$

X_{iNE} - representa as exportações do setor i pela região Nordeste;

X_{NE} - representa as exportações totais da região Nordeste;

X_{iBR} - são as exportações do setor i do Brasil;

X_{BR} - são as exportações totais do Brasil.

Se CSR_{ij} for maior que 1, significa que a região Nordeste está relativamente mais especializado que o Brasil, apresentando, portanto, vantagem comparativa para o setor i.

3- COMPETITIVIDADE DOS ESTADOS DA REGIÃO NORDESTE NO PERÍODO 1995-2004

O fato de a região Nordeste está entre as mais pobres do Brasil fez com que a necessidade de políticas públicas voltadas ao desenvolvimento fosse uma constante na economia nordestina, inclusive em seus setores de exportação, assim, de uma forma geral, conforme destacam FONTENELE; MELO & DANTAS (2001, p.384):

“os setores industriais nos quais o Nordeste apresenta claramente vantagem em relação ao restante do país, dentro do quadro de dinamismo da demanda mundial, são sobretudo aqueles cujas performances resultam das políticas industriais implementadas nos estados da região e são impulsionados por investimentos públicos no período que antecedeu a abertura comercial”

A ausência de um parque industrial dinâmico na região Nordeste antes do período da abertura comercial gerou certa limitação a pauta de exportação de seus estados, que é uma pauta tradicionalmente composta por produtos de processamento básico, *commodities* tradicionais e produtos da indústria tradicional, ou seja, aqueles setores que receberam investimentos públicos ou que a região possui vantagem comparativa., tendendo a gerar uma forte concentração da pauta em poucos produtos, isto pode ser confirmado pelo Índice de Concentração por Setor exposto na Tabela 1.

Tabela 1
Índice de Concentração das Exportações dos Estados da Região Nordeste (ICS)
1995-2004

| Estados | Índice de Concentração das Exportações por Setor | | | | | | | | | |
|-----------------|--|------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| | 1995 | 1996 | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 |
| Alagoas | 0,77 | 0,74 | 0,80 | 0,86 | 0,82 | 0,79 | 0,93 | 0,78 | 0,78 | 0,69 |
| Bahia | 0,30 | 0,29 | 0,29 | 0,29 | 0,29 | 0,30 | 0,33 | 0,31 | 0,31 | 0,29 |
| Ceará | 0,46 | 0,46 | 0,45 | 0,44 | 0,41 | 0,40 | 0,37 | 0,38 | 0,38 | 0,37 |
| Maranhão | 0,73 | 0,71 | 0,68 | 0,65 | 0,69 | 0,64 | 0,57 | 0,58 | 0,51 | 0,47 |
| Paraíba | 0,49 | 0,56 | 0,49 | 0,38 | 0,37 | 0,38 | 0,43 | 0,44 | 0,43 | 0,42 |
| Pernambuco | 0,68 | 0,52 | 0,56 | 0,55 | 0,43 | 0,34 | 0,44 | 0,41 | 0,34 | 0,35 |
| Piauí | 0,54 | 0,52 | 0,52 | 0,45 | 0,46 | 0,41 | 0,45 | 0,37 | 0,38 | 0,35 |
| Rio G. do Norte | 0,52 | 0,51 | 0,49 | 0,52 | 0,49 | 0,46 | 0,44 | 0,45 | 0,46 | 0,56 |
| Sergipe | 0,62 | 0,62 | 0,57 | 0,52 | 0,53 | 0,54 | 0,42 | 0,68 | 0,57 | 0,62 |

Fonte: MDIC, Elaboração Própria, 2005.

Analisando os resultados obtidos através do cálculo do Índice de Concentração por Setor (ICS) podemos verificar pela Tabela 1 que em 1995 quatro estados apresentaram ICS relativamente alto: Alagoas (0,77); Maranhão (0,73); Pernambuco (0,68) e Sergipe (0,62), isto significa que estes estados estavam com uma pauta de exportação concentrada em poucos setores. Em 2004 apenas os estados de Alagoas e Sergipe continuam com um ICS elevado, de 0,69 e 0,62 respectivamente, vale destacar que para o estado de Alagoas mesmo este indicador continuando elevado, houve uma redução do mesmo quando comparado a 1995, no entanto Sergipe manteve o valor de seu ICS constante. Os estados do Maranhão e Piauí tiveram, em 2004, uma queda significativa neste indicador, chegando a 0,37 e 0,35 respectivamente, isto comprova uma maior diversificação na pauta de exportação desses Estados quando comparado a 1995.

Os estados da Bahia, Ceará e Paraíba foram os que apresentaram valor numérico mais baixo para o ICS tanto em 1995 quanto em 2004, no primeiro ano os ICSs desses estados eram de respectivamente 0,30; 0,46 e 0,49. Ao passo que em 2004 a Bahia permaneceu com este indicador praticamente constante (0,29), enquanto o Ceará e Paraíba apresentaram uma

redução, passando para 0,37 e 0,42, refletindo, assim, uma maior diversificação da pauta de exportação no período em questão.

Os estados do Piauí e Rio Grande do Norte não apresentaram ICS tão elevados quanto os estados de Alagoas, Maranhão e Pernambuco, mas também não apresentaram um valor muito reduzido para este indicador, visto que em 1995 estes estados possuíam um ICS de 0,54 e 0,52 respectivamente, porém, no caso do Piauí se observamos o ano de 2004 constataremos que este estado sofreu uma significativa queda em seu ICS, passando, este indicador, a apresentar um valor de 0,35. O mesmo não ocorre para o Rio Grande do Norte, dado que seu ICS sofreu uma variação positiva em 2004, passando para 0,56.

Os resultados obtidos acima mostram que a pauta de exportação dos estados da região Nordeste ainda é muito concentrada em poucos setores, mas que ao longo dos últimos dez anos esta concentração se reduziu, visto que todos os estados, exceção feita ao Rio Grande do Norte, reduziram o valor deste indicador em 2004. Alguns apresentaram apenas uma pequena redução, mas outros apresentaram uma redução significativa, o que pode ser visto como um fator favorável ao comércio exterior nordestino de uma forma geral.

Aplicando o critério de GUTMAN & MIOTTI apud HIDALGO (1998) obtivemos os denominados “pontos fortes” para todos os estado da região Nordeste, isto é, aqueles setores de exportação de cada economia que apresentaram Vantagem Comparativa Revelada (VCR) e Taxa de Cobertura das Importações (TC) simultaneamente maiores que a unidade.

Tabela 2
Setores mais competitivos ou “pontos fortes” – Alagoas – 1995/2004

| NCM | Setores | 1995 | | 2004 | |
|-----|-------------------------------------|------|----------|------|------|
| | | VCR | TC | VCR | TC |
| 28 | Produtos químicos inorgânicos, etc. | 1,24 | 54,17 | | |
| 39 | Plásticos e suas obras | 1,43 | 282,63 | | |
| 17 | Açúcares e produtos de confeitaria | 4,17 | 69426,39 | | |
| 29 | Produtos químicos orgânicos | | | 1,39 | 8,07 |

Fonte: MDIC – Elaboração Própria, 2005.

A Tabela 2 expressa os “pontos fortes” do comércio exterior do estado de Alagoas e, como pode ser observado, dos noventa e nove setores estudados, Alagoas possuía apenas três “pontos fortes” em 1995, ou seja, somente três setores apresentavam competitividade naquele ano, estes setores eram: produtos químicos inorgânicos, etc; plástico e suas obras e açúcares e produtos de confeitaria. Em 2004, Alagoas perde competitividade nos setores registrados em 1995 e passa a apresentar apenas um setor de destaque ou “ponto forte”, que é o setor produtos químicos orgânicos.

Tabela 3
Setores mais competitivos – Piauí – 1995/2004

| NCM | Setores | 1995 | | 2004 | |
|-----|---|-------|---------|-------|-------|
| | | VCR | TC | VCR | TC |
| 05 | Outros produtos de origem animal | 6,36 | 28,34 | | |
| 15 | Gorduras, óleos e ceras animais ou vegetais, etc. | 17,05 | 71,47 | | |
| 62 | Vestuário e seus acessórios, exceto de malha. | 31,50 | 1457,67 | 33,27 | 15,48 |

Fonte: MDIC – Elaboração Própria, 2005.

Através da Tabela 3 pode-se constatar que o Piauí foi o estado que apresentou o pior desempenho quando se leva em consideração o critério de identificação dos “pontos fortes”, pois este estado, em 1995 possuía apenas três “pontos fortes” no seu comércio

exterior (outros produtos de origem animal; gorduras, óleos e ceras animais ou vegetais, etc.; vestuário e seus acessórios, exceto de malha).

Quando se analisa o ano de 2004 o estado do Piauí perde competitividade nos setores: outros produtos de origem animal e gorduras, óleos e ceras animais ou vegetais, etc. e não ganha competitividade em nenhum novo setor permanecendo apenas com o setor vestuário e seus acessórios, exceto de malha como “ponto forte” quando comparado a 1995.

Tabela 4
Setores mais competitivos – Maranhão – 1995/2004.

| NCM | Setores | 1995 | | 2004 | |
|-----|--|------|----------|------|---------|
| | | VCR | TC | VCR | TC |
| 12 | Sementes e frutos oleaginosos, grãos, sementes, etc. | 6,18 | 39,28 | 3,89 | 3,03 |
| 28 | Produtos químicos inorgânicos, etc. | 3,38 | 1,65 | 4,69 | 2,87 |
| 72 | Ferro fundido, ferro e aço. | 2,62 | 11315,35 | 4,19 | 8806,98 |
| 76 | Alumínio e suas obras | 5,99 | 26,86 | 5,92 | 34,29 |
| 94 | Móveis, mobiliário médico-cirúrgico, colchões, etc. | 5,50 | 228,58 | | |

Fonte: MDIC – Elaboração Própria, 2005.

O estado do Maranhão também concentrou seus “pontos fortes” em poucos setores: dos noventa e nove setores o Maranhão possuía apenas cinco como “pontos fortes” no ano de 1995. Pela Tabela 4 observa-se que para o ano em questão os setores de destaque na pauta de exportação maranhense foram: Ferro fundido, ferro e aço e móveis, mobiliário médico-cirúrgico, colchões, etc,

Em 2004 praticamente não ocorreu mudança na composição do conjunto de “pontos fortes” desse estado, pois quatro dos cinco setores registrados como “pontos fortes” em 1995 permaneceram em 2004. Entretanto, nesse mesmo ano, o Maranhão perde competitividade em um dos setores mais competitivos em 1995, o de móveis, mobiliário médico-cirúrgico, colchões, etc. Ressalta-se também que esse o Maranhão não registrou nenhum novo “ponto forte” em seu comércio exterior em 2004.

Tabela 5
Setores mais competitivos – Sergipe – 1995/2004.

| NCM | Setores | 1995 | | 2004 | |
|-----|---|-------|-------|-------|-------|
| | | VCR | TC | VCR | TC |
| 25 | Sal, enxofre, terras e pedras, gesso, cal e cimento. | | | 15,28 | 80,04 |
| 31 | Adubos ou fertilizantes | 11,90 | 1,10 | | |
| 52 | Algodão | 23,34 | 1,79 | | |
| 63 | Outros artefatos têxteis confeccionados, sortidos, etc. | 5,64 | 13,64 | 2,35 | 21,61 |

Fonte: MDIC – Elaboração Própria, 2005.

O estado de Sergipe também apresentou uma pauta pouco diversificada quando se leva em conta o critério dos “pontos fortes” do comércio exterior, com apenas três setores fazendo parte desse conjunto em 1995 (adubos e fertilizantes; algodão; outros artefatos têxteis confeccionados, sortidos etc.). Em 2004 Sergipe perdeu competitividade nos setores adubos e fertilizantes e algodão, permaneceu apresentando competitividade no setor outros artefatos têxteis confeccionados, sortidos etc. e, ganhou competitividade em apenas um novo setor: sal, enxofre, terras e pedras, gesso, cal e cimento (ver Tabela 5).

Tabela 6
Setores mais competitivos – Paraíba – 1995/2004.

| NCM | Setores | 1995 | | 2004 | |
|-----|--|------|-------|-------|-------|
| | | VCR | TC | VCR | TC |
| 03 | Peixes e crustáceos, moluscos e outs. invertebr. aquáticos | 2,11 | 2,14 | 1,57 | 12,41 |
| 07 | Produtos hortícolas, plantas, raízes, etc. comestíveis. | 7,66 | 17,33 | | |
| 19 | Preparações a base de cereais, farinhas, amidos, etc. | | | 16,34 | 3,93 |
| 20 | Preparações de produtos hortícolas, de frutas, etc. | 3,54 | 1,64 | | |
| 22 | Bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres. | | | 5,80 | 1,64 |
| 25 | Sal, enxofre, terras e pedras, gesso, cal e cimento. | | | 6,23 | 3,44 |
| 30 | Produtos farmacêuticos | | | 23,68 | 29,53 |
| 49 | Livros, jornais, gravuras, outros produtos gráficos, etc. | | | 3,63 | 47,34 |
| 56 | "Pastas ("ouates"), feltros e falsos tecidos, etc." | | | 7,30 | 1,49 |
| 59 | Tecidos impregnados, revestidos, recobertos, etc. | | | 10,18 | 14,44 |
| 63 | Outros artefatos têxteis confeccionados, sortidos, etc. | | | 32,17 | 9,58 |
| 68 | Obras de pedra, gesso, cimento, amianto, mica, etc. | | | 6,75 | 4,76 |
| 90 | Instrumentos e aparelhos de óptica, fotografia, etc. | | | 2,11 | 3,21 |
| 95 | Brinquedos, jogos, artigos p/ divertimento, esportes, etc. | | | 7,67 | 23,55 |

Fonte: MDIC – Elaboração Própria, 2005.

O estado da Paraíba foi um dos que apresentou resultado mais satisfatório no que se refere ao critério de identificação dos “pontos fortes”, em 1995 esse estado apresentava somente três setores como “pontos fortes”: peixes e crustáceos, moluscos e outros invertebrados aquáticos; produtos hortícolas, plantas, raízes, etc. comestíveis e preparações de produtos hortícolas, de frutas, etc. (ver Tabela 6).

No ano de 2004 a Paraíba perde competitividade nos setores produtos hortícolas, plantas, raízes, etc. comestíveis e preparações de produtos hortícolas, de frutas, etc. Porém, nesse mesmo ano esse estado registra onze novos setores como “pontos fortes” em seu comércio exterior, dentre estes se destacaram: produtos farmacêuticos; tecidos impregnados, revestidos, recobertos, etc.; outros artefatos têxteis confeccionados, sortidos, etc.; e outros. Além disso, o setor peixes e crustáceos, moluscos e outros invertebrados aquáticos permaneceu como “ponto forte” na pauta de exportação da Paraíba no ano em questão.

Tabela 7
Setores mais competitivos – Rio Grande do Norte – 1995/2004.

| NCM | Setores | 1995 | | 2004 | |
|-----|---|-------|--------|-------|----------|
| | | VCR | TC | VCR | TC |
| 03 | Peixes e crustáceos, moluscos e outs. invertebr. aquáticos | 4,41 | 29,31 | 4,84 | 41,11 |
| 05 | Outros produtos de origem animal | | | 6,49 | 1,31 |
| 13 | Gomas, resinas e outros sucos e extratos vegetais. | 5,25 | 2,14 | | |
| 15 | Gorduras, óleos e ceras animais ou vegetais, etc. | | | 1,29 | 18,08 |
| 17 | Açúcares e produtos de confeitaria | 1,59 | 24,22 | | |
| 25 | Sal, enxofre, terras e pedras, gesso, cal e cimento. | 4,08 | 690,39 | 1,40 | 149,94 |
| 27 | Combustíveis minerais, óleos minerais, etc. ceras minerais. | | | 4,71 | 1958,77 |
| 30 | Produtos farmacêuticos | 14,70 | 9,54 | | |
| 33 | Óleos essenciais e resinóides, prods. de perfumaria, etc. | 8,14 | 1,28 | | |
| 42 | Obras de couro, artigos de correeiro ou de seleiro, etc. | 44,43 | 330,02 | | |
| 52 | Algodão | 1,56 | 1,24 | | |
| 55 | Fibras sintéticas ou artificiais, descontínuas. | 1,96 | 2,07 | | |
| 61 | Vestuário e seus acessórios, de malha. | | | 5,53 | 32562,21 |
| 81 | Outros metais comuns, ceramais, obras dessas matérias. | | | 11,89 | 21220,27 |
| 96 | Obras diversas | 49,93 | 13,21 | 7,49 | 10,01 |

Fonte: MDIC – Elaboração Própria, 2005.

O estado do Rio Grande do Norte também está entre os que possuíam competitividade em um número relativamente pequeno de setores no período em questão. Pela Tabela 7 observa-se que os “pontos fortes” da economia potiguar em 1995 eram somente dez, dentre os quais se destacaram: obras de couro, artigos de correeiro ou de seleiro, etc.; sal, enxofre, terras e pedras, gesso, cal e cimento, dentre outros.

Em 2004 o Rio Grande do Norte apresentou oito setores considerados “pontos fortes” no seu comércio exterior e, deste montante, cinco foram setores em que o estado ganhou competitividade (outros produtos de origem animal; gorduras, óleos e ceras animais ou vegetais, etc.; combustíveis minerais, óleos minerais, etc. ceras minerais; vestuário e seus acessórios, de malha e outros metais comuns, ceramais, obras dessas matérias). Tal estado permanece competitivo em apenas três setores quando comparado a 1995 (peixes e crustáceos, moluscos e outros invertebrados aquáticos; sal, enxofre, terras e pedras, gesso, cal e cimento e obras diversas) e perde competitividade em seis setores (outros produtos de origem animal; algodão, dentre outros).

Tabela 8
Setores mais competitivos – Pernambuco – 1995/2004.

| NCM | Setores | 1995 | | 2004 | |
|-----|--|------|-------|-------|-------|
| | | VCR | TC | VCR | TC |
| 02 | Carnes e miudezas, comestíveis. | 7,38 | 1,52 | | |
| 05 | Outros produtos de origem animal | 2,35 | 1,08 | | |
| 07 | Produtos hortícolas, plantas, raízes, etc.comestíveis. | 4,99 | 4,65 | | |
| 10 | Cereais | 7,38 | 1,93 | | |
| 16 | Preparações de carne, de peixes ou de crustáceos, etc. | 7,38 | 1,60 | | |
| 21 | Preparações alimentícias diversas | 6,15 | 2,22 | | |
| 22 | Bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres. | 3,40 | 1,56 | | |
| 34 | Sabões, agentes orgânicos de superfície, etc. | | | 1,35 | 1,12 |
| 36 | Pólvoras e explosivos artigos de pirotecnia, etc. | 7,38 | 4,17 | | |
| 40 | Borracha e suas obras | 6,77 | 2,44 | 8,53 | 1,31 |
| 41 | Peles, exceto a peleteria (peles com pelo),e couros | 1,08 | 2,20 | | |
| 49 | Livros, jornais, gravuras, outros produtos gráficos, etc | 7,38 | 1,71 | 1,55 | 7,76 |
| 55 | Fibras sintéticas ou artificiais descontínuas | 1,08 | 1,07 | 10,57 | 57,25 |
| 58 | Tecidos especiais, tecidos tufados, rendas, tapeçarias, etc. | | | 12,86 | 22,21 |
| 60 | Tecidos de malha | 4,85 | 15,97 | | |
| 61 | Vestuário e seus acessórios, de malha. | 7,04 | 2,44 | | |
| 66 | Guarda-chuvas, sombrinhas, guarda-sóis, bengalas, etc. | 7,38 | 1,25 | | |
| 67 | Penas e penugem preparadas, e suas obras, etc. | | | 15,55 | 1,07 |
| 69 | Produtos cerâmicos | 4,50 | 1,43 | 10,76 | 1,76 |
| 70 | Vidro e suas obras | | | 15,33 | 2,27 |
| 73 | Obras de ferro fundido, ferro ou aço. | | | 2,14 | 2,39 |
| 82 | Ferramentas, artefatos de cutelaria, etc.de metais comuns. | 1,72 | 1,73 | | |
| 83 | Obras diversas de metais comuns | | | 8,93 | 1,04 |
| 84 | Reatores nucleares, caldeiras, maquinas, etc. mecânicos | 1,51 | 1,05 | 4,05 | 2,92 |
| 85 | Máquinas, aparelhos e material elétricos, suas partes, etc. | 2,95 | 1,11 | 8,19 | 2,98 |

Fonte: MDIC – Elaboração Própria, 2005.

O estado de Pernambuco está entre os estados que apresentaram maior número de “pontos fortes” no comércio exterior. A Tabela 8 mostra que em 1995 esse estado registrou dezenove setores como “pontos fortes”, dentre estes merecem destaque os seguintes: tecidos de malha; produtos hortícolas, plantas, raízes, etc. comestíveis; borracha e suas obras, dentro outros. No entanto em 2004, Pernambuco perdeu competitividade em diversos setores quando comparado a 1995, pois dos dezenove setores considerados “pontos fortes” em 1995 o estado

perdeu competitividade em treze, tais como: carnes e miudezas comestíveis; cereais; vestuário e seus acessórios, exceto de malha, dentre outros.

Pernambuco chega ao ano de 2004 com apenas doze “pontos fortes”, sendo que seis destes setores se encontravam na pauta de exportação do estado em 1995: borracha e suas obras; fibras sintéticas ou artificiais descontínuas; etc. Dessa forma apenas seis novos setores foram considerados “pontos fortes” no comércio exterior pernambucano, dentre os quais se destacaram os seguintes setores: tecidos especiais, tecidos tufados, rendas, tapeçarias, etc.; obras diversas de metais comuns, e outros.

Tabela 9
Setores mais competitivos – Ceará – 1995/2004

| NCM | Setores | 1995 | | 2004 | |
|-----|--|-------|-------|------|----------|
| | | VCR | TC | VCR | TC |
| 03 | Peixes e crustáceos, moluscos e outs invertebr aquáticos | 8,42 | 19,60 | 3,35 | 38,47 |
| 04 | Leite e laticínios, ovos de aves, mel natural, etc. | | | 5,06 | 12,27 |
| 05 | Outros produtos de origem animal | 1,45 | 4,61 | | |
| 06 | Plantas vivas e produtos de floricultura | | | 8,52 | 1,04 |
| 08 | Frutas, cascas de cítricos e de melões. | | | 3,89 | 1,46 |
| 10 | Cereais | | | 6,02 | 2,22 |
| 11 | Produtos da indústria de moagem, malte, amidos, etc. | 8,89 | 2,22 | 6,49 | 554,24 |
| 13 | Gomas, resinas e outros sucos e extratos vegetais | 9,44 | 10,01 | 7,56 | 16348,70 |
| 15 | Gorduras, óleos e ceras animais ou vegetais, etc. | 4,98 | 10,02 | | |
| 21 | Preparações alimentícias diversas | | | 7,54 | 55,65 |
| 25 | Sal, enxofre, terras e pedras, gesso, cal e cimento. | | | 1,02 | 10,01 |
| 30 | Produtos farmacêuticos | 5,36 | 4,03 | | |
| 35 | Matérias albuminóides, produtos a base de amidos, etc. | | | 8,00 | 3,45 |
| 41 | Peles, exceto a peleteria (pele com pelo), e couros | 1,50 | 3,59 | 5,20 | 2,66 |
| 42 | Obras de couro, artigos de correeiro ou de seleiro, etc. | | | 9,03 | 2,05 |
| 46 | Obras de espartaria ou de cestaria | 1,66 | 27,91 | | |
| 52 | Algodão | 9,31 | 1,37 | 5,03 | 1,00 |
| 55 | Fibras sintéticas ou artificiais, descontínuas. | 9,21 | 1,06 | | |
| 62 | Vestuário e seus acessórios, exceto de malha. | | | 5,32 | 1,73 |
| 63 | Outros artefatos têxteis confeccionados, sortidos, etc. | 2,25 | 1,62 | | |
| 64 | Calcados, polainas e artefatos semelhantes, e suas partes. | | | 6,16 | 1,14 |
| 68 | Obras de pedra, gesso, cimento, amianto, mica, etc. | | | 4,06 | 2,19 |
| 70 | Vidro e suas obras | 11,24 | 5,81 | | |
| 73 | Obras de ferro fundido, ferro ou aço | 11,23 | 31,48 | 6,57 | 27,96 |
| 83 | Obras diversas de metais comuns | 12,04 | 3,93 | 3,01 | 64,92 |
| 84 | Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, etc. mecânicos | 9,35 | 3,28 | 3,00 | 5,22 |
| 87 | Veículos automóveis, tratores, etc.suas partes/acessórios. | 12,04 | 1,72 | | |
| 90 | Instrumentos e aparelhos de óptica, fotografia, etc. | 7,07 | 2,79 | 4,78 | 5,40 |
| 91 | Relógios e aparelhos semelhantes, e suas partes. | | | 5,23 | 1,10 |
| 92 | Instrumentos musicais, suas partes e acessórios. | 10,87 | 5,09 | | |
| 95 | Brinquedos, jogos, artigos p/ divertimento, esportes, etc. | 8,92 | 4,43 | | |

Fonte: MDIC – Elaboração Própria, 2005.

O Ceará, assim como Pernambuco, apresentou competitividade em uma pauta de exportação relativamente diversificada, visto que dos noventa e nove setores dezenove faziam parte da pauta de exportação cearense em 1995, dentre estes dezenove setores merecem destaque os seguintes: obras de ferro fundido, ferro ou aço; obras de espartaria ou de cestaria; peixes e crustáceos, moluscos e outros invertebrados aquáticos, dentre outros (ver Tabela 9).

Em 2004, o Ceará perde competitividade em dez dos dezenove setores registrados como “pontos fortes” em 1995, sendo o caso de setores tais como: outros produtos de origem

animal; produtos farmacêuticos; vidro e suas obras e veículos automóveis, tratores, etc. suas partes/acessórios. No entanto, neste mesmo ano o estado do Ceará ganha competitividade em doze novos setores, dentre os quais se destacaram os setores: leite e laticínios, ovos de aves, mel natural, etc. e preparações alimentícias diversas.

É importante salientar que o estado do Ceará permaneceu competitivo em oito dos dezenove setores registrados como “pontos fortes” em 1995 (peixes e crustáceos, moluscos e outros invertebrados aquáticos; produtos da indústria de moagem, malte, amido, etc.; gomas, resinas e outros sucos e extratos vegetais, dentre outros).

Tabela 10
Setores mais competitivos Bahia – 1995/2004.

| NCM | Setores | 1995 | | 2004 | |
|-----|---|------|---------|------|-------|
| | | VCR | TC | VCR | TC |
| 09 | Café, chá, mate e especiarias | 2,16 | 8935,51 | 1,95 | 10,91 |
| 14 | Matérias p/ entrançar e outs. prods. de origem vegetal | 2,08 | 3879,99 | | |
| 18 | Cacau e suas preparações | 2,21 | 1,05 | | |
| 19 | Preparações a base de cereais, farinhas, amidos, etc. | 2,21 | 2,03 | | |
| 20 | Preparações de produtos hortícolas, de frutas, etc. | 1,00 | 2,54 | | |
| 23 | Resíduos e desperdícios das indústrias alimentares, etc. | 2,21 | 11,18 | 1,87 | 12,47 |
| 24 | Fumo (tabaco) e seus sucedâneos manufaturados | | | 1,68 | 2,13 |
| 25 | Sal, enxofre, terras e pedras, gesso, cal e cimento. | 2,02 | 1,94 | | |
| 27 | Combustíveis minerais, óleos minerais, etc. ceras minerais | 2,21 | 2,15 | 1,29 | 1,37 |
| 29 | Produtos químicos orgânicos | 1,82 | 1,08 | 1,77 | 1,81 |
| 31 | Aduos ou fertilizantes | 2,07 | 2,56 | | |
| 32 | Extratos tanantes e tintoriais, taninos e derivados, etc. | 2,21 | 2,80 | 1,80 | 2,28 |
| 34 | Sabões, agentes orgânicos de superfície, etc. | 2,20 | 3,32 | 1,79 | 2,39 |
| 37 | Produtos para fotografia e cinematografia | 2,21 | 1,32 | 1,98 | 1,22 |
| 38 | Produtos diversos das indústrias químicas | 2,20 | 1,26 | 1,95 | 1,32 |
| 39 | Plástico e suas obras | 1,64 | 1,14 | 1,68 | 1,81 |
| 44 | Madeira, carvão vegetal e obras de madeira | 1,88 | 10,00 | 1,03 | 5,32 |
| 46 | Obras de espartaria ou de cestaria | | | 1,27 | 2,00 |
| 47 | Pastas de madeira ou matérias fibrosas celulósicas, etc. | 2,21 | 1,71 | 1,98 | 2,16 |
| 48 | Papel e cartão, obras de pasta de celulose, de papel, etc. | 2,19 | 3,13 | 1,81 | 4,05 |
| 53 | Outras fibras têxteis vegetais, fios de papel, etc. | 2,14 | 124,23 | 1,97 | 6,29 |
| 54 | Filamentos sintéticos ou artificiais | 1,93 | 17,86 | 1,94 | 4,91 |
| 56 | "Pastas ("ouates"), feltros e falsos tecidos, etc." | | | 1,46 | 1,04 |
| 59 | Tecidos impregnados, revestidos, recobertos, etc. | | | 1,42 | 1,01 |
| 68 | Obras de pedra, gesso, cimento, amianto, mica, etc. | 1,71 | 3,36 | | |
| 71 | Perolas naturais ou cultivadas, pedras preciosas, etc. | 2,21 | 1,21 | 1,95 | 11,35 |
| 72 | Ferro fundido, ferro e aço. | 1,13 | 1,72 | | |
| 74 | Cobre e suas obras | 2,21 | 1,01 | 1,98 | 1,57 |
| 75 | Níquel e suas obras | 2,21 | 1,01 | | |
| 81 | Outros metais comuns, ceramais, obras dessas matérias. | 2,21 | 2,25 | | |
| 82 | Ferramentas, artefatos de cutelaria, etc. de metais comuns | 1,69 | 1,31 | 1,90 | 1,65 |
| 85 | Máquinas, aparelhos e material elétricos, suas partes, etc | 1,32 | 3,55 | | |
| 87 | Veículos automóveis, tratores, etc. suas partes/acessórios. | | | 1,95 | 1,01 |
| 89 | Embarcações e estruturas flutuantes | 2,21 | 15,22 | | |
| 94 | Móveis, mobiliário médico-cirúrgico, colchões, etc. | | | 1,67 | 1,13 |
| 95 | Brinquedos, jogos, artigos p/ divertimento, esportes, etc. | | | 1,50 | 2,65 |
| 97 | Objetos de arte, de coleção e antiguidades. | | | 1,42 | 1,45 |

Fonte: MDIC – Elaboração Própria, 2005.

O estado da Bahia foi o que apresentou maior número de “pontos fortes”, comprovando a relativa diversificação da pauta de exportação desse estado, pois, como pode ser observado pela Tabela 10, dos noventa e nove setores, a Bahia, em 1995, possuía vinte e nove setores que, pelo critério de GUTMAN & MIOTTI apud HIDALGO (1998), podiam ser considerados “pontos fortes”. Dentre estes vinte e nove setores destacaram-se: café, chá, mate e especiarias; materiais p/ entrançar e outros produtos de origem vegetal e outras fibras têxteis vegetais, fios de papel, etc.

Em 2004 o estado da Bahia perde competitividade em doze dos vinte e nove setores registrados como “pontos fortes” em 1995, tendo como exemplo os seguintes setores: materiais p/ entrançar e outros produtos de origem vegetal; adubos ou fertilizantes; ferro fundido, ferro ou aço, dentre outros.

A Tabela 10 também mostra os setores que não eram “pontos fortes” no comércio exterior baiano em 1995, mas que passaram a ser em 2004, tais como os setores: veículos automóveis, tratores, etc. suas partes/acessórios; móveis; mobiliário médico-cirúrgico, colchões, etc.; objetos de arte, de coleção e antiguidades, dentre outros.

Vale ressaltar ainda que dos vinte e nove setores considerados como “pontos fortes” em 1995, dezessete continuaram na pauta de exportação baiana na condição de setores competitivos, entre os mais importantes pode-se destacar: resíduos e desperdícios das indústrias alimentares, etc; pedras naturais ou cultivadas, pedras preciosas, etc e outras fibras têxteis vegetais, fios de papel, etc.

Os resultados da aplicação do critério de GUTMAN & MIOTTI apud HIDALGO (1998) e do Índice de Concentração Setorial deixou evidente que a análise do comércio exterior nordestino pode ser dividida em dois grupos: um primeiro grupo representa os estados que tem uma pauta menos concentrada, isto é, mais diversificada e por consequência possuiu um número maior de setores considerados “pontos fortes”, são eles: Bahia, Ceará e Pernambuco. De outro lado, um segundo grupo que possui uma pauta bastante concentrada e com poucos “pontos fortes” é composta pelos Estados de Alagoas, Maranhão, Paraíba, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe. É importante ressaltar que, dentro deste segundo grupo, o estado da Paraíba apresentou um resultado significativamente favorável para o critério de identificação dos “pontos fortes”.

Outro ponto que merece destaque, tendo por base o resultado dos indicadores, é a confirmação de que a pauta de exportação dos estados nordestinos ainda é composta por setores de processamento básico, *commodities* tradicionais e produtos da indústria tradicional. Como salienta HIDALGO (2000) é praticamente insignificante a participação dos produtos manufaturados mais intensivos em tecnologia, como máquinas e equipamentos.

Deve-se ressaltar também que mesmo aqueles estados que possuem uma pauta mais diversificada (Bahia, Ceará e Pernambuco) apresentaram na composição desta pauta setores com baixo conteúdo tecnológico, intensivos em mão-de-obra e recursos naturais, conseqüentemente com baixo valor agregado, refletindo em instabilidade no valor de suas exportações. Além disso, são exatamente os setores com estas características que estão sofrendo constantemente barreiras comerciais, dificultando, assim, a expansão do comércio exterior para estes setores.

4- COMÉRCIO INTRA-SETORIAL NOS ESTADOS DA REGIÃO NORDESTE

O Índice de Concentração por Setor (ICS) e a identificação dos “pontos fortes” de cada estado da região Nordeste mostraram uma característica marcante do comércio exterior nordestino, ou seja, um comércio altamente concentrado em poucos setores, refletindo um baixo dinamismo no comércio internacional dos estados da região. No entanto, outra maneira de mostrar o grau de dinamismo da economia nordestina no comércio exterior é através do

indicador de comércio intra-setorial, pois este indicador, como foi visto anteriormente nos aspectos metodológicos, reflete-se no grau de especialização do comércio exterior de uma economia, dado que é explicado pelas economias de escala e pela diferenciação de produtos e, dessa forma, quanto mais próximo de um for este indicador, maior será a integração da economia ao comércio internacional e, conseqüentemente, maior o seu grau de especialização pela utilização de economia de escala e pela capacidade de diferenciação de produtos.

Tabela 11
Indicador de comércio intra-setorial para os Estados da Região Nordeste
(1995-2004)

| Estados | Indicador de Comércio Intra-setorial | | | | | | | | | |
|-----------------|--------------------------------------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| | 1995 | 1996 | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 |
| Alagoas | 0,54 | 0,78 | 0,57 | 0,44 | 0,42 | 0,45 | 0,35 | 0,59 | 0,24 | 0,26 |
| Bahia | 0,84 | 0,88 | 0,92 | 0,90 | 0,96 | 0,93 | 0,96 | 0,88 | 0,75 | 0,85 |
| Ceará | 0,70 | 0,64 | 0,68 | 0,74 | 0,79 | 0,82 | 0,92 | 0,92 | 0,83 | 0,80 |
| Maranhão | 0,45 | 0,76 | 0,71 | 0,66 | 0,71 | 0,78 | 0,79 | 0,86 | 0,94 | 0,75 |
| Paraíba | 0,57 | 0,72 | 0,58 | 0,52 | 0,66 | 0,68 | 0,92 | 0,80 | 0,53 | 0,63 |
| Pernambuco | 0,84 | 0,59 | 0,59 | 0,57 | 0,53 | 0,47 | 0,49 | 0,55 | 0,68 | 0,81 |
| Piauí | 0,68 | 0,88 | 0,88 | 0,63 | 0,41 | 0,40 | 0,56 | 0,42 | 0,30 | 0,37 |
| Rio G. do Norte | 0,99 | 0,97 | 0,85 | 0,93 | 0,84 | 0,64 | 0,64 | 0,68 | 0,70 | 0,39 |
| Sergipe | 0,46 | 0,57 | 0,48 | 0,44 | 0,37 | 0,48 | 0,34 | 0,54 | 0,57 | 0,64 |

Fonte: MDIC – Elaboração Própria, 2005.

Os resultados do cálculo deste indicador estão na Tabela 11: como já se podia prever os estados que apresentaram um menor índice de concentração setorial e um maior número de “pontos fortes” apresentaram também um maior comércio intra-setorial: Bahia, Ceará e Pernambuco, onde o valor do indicador de comércio intra-setorial para estes três estados em 1995 foi de: 0,84; 0,70 e 0,84 respectivamente.

Em 2004 os estados da Bahia e Ceará aumentaram o grau de comércio intra-setorial, pois o indicador passou a assumir os valores de 0,85 e 0,80 respectivamente, ao passo que o estado de Pernambuco reduziu um pouco seu comércio intra-setorial para o ano considerado passando para 0,81.

Os estados de Alagoas, Piauí e Rio Grande do Norte reduziram significativamente o comércio intra-setorial, os dois primeiros passaram de 0,54 e 0,68 em 1995 para 0,26 e 0,37 em 2004 respectivamente. No entanto o estado em que a variação deste indicador chama mais atenção na análise é o Rio Grande do Norte, pois em 1995 este estado apresentava um indicador de comércio intra-setorial bem próximo de um (0,99), mas em 2004 se reduziu drasticamente passando para 0,39.

Os estados do Maranhão, Paraíba e Sergipe apresentaram um resultado bastante favorável para este indicador, principalmente o Maranhão e Sergipe que possuíam um indicador de comércio intra-setorial de 0,45 e 0,46 em 1995 e passaram, em 2004, a apresentar valores de 0,75 e 0,64 respectivamente.

Como pode ser constatado pelos resultados do indicador de Comércio Intra-Setorial alguns estados da região Nordeste ainda apresentaram uma pauta de exportação pouco especializada, visto que o comércio de exportação e importação simultânea dos seus setores revelou-se baixo.

5- ESPECIALIZAÇÃO RELATIVA DA REGIÃO NORDESTE

Após identificar os setores mais competitivos ou “pontos fortes” do comércio exterior nordestino, torna-se importante a identificação dos setores de maior grau de especialização, visto que a observação do conjunto de setores considerados “pontos fortes” associado aos setores em que a região Nordeste tem maior especialização em relação ao Brasil, pode fornecer uma base sólida para possíveis políticas de incentivo ao comércio exterior da região.

A análise do Coeficiente de Especialização Relativa (CSR) foi feita a partir da comparação deste indicador para o ano de 1995 e 2004, com o objetivo de identificar possíveis mudanças na pauta de exportação da região. Os resultados podem ser vistos na Tabela 12.

Tabela 12
Coeficiente de Especialização Relativa da Região Nordeste (1995/2004)

| NCM | Setores | 1995 | 2004 |
|-----|--|------|-------|
| 53 | Outras fibras têxteis vegetais, fios de papel, etc. | 6,96 | 10,70 |
| 74 | Cobre e suas obras | 8,99 | 9,55 |
| 03 | Peixes e crustáceos, moluscos e outros invertebrados aquáticos. | 5,81 | 8,44 |
| 08 | Frutas, cascas de cítricos e de melões. | 7,37 | 7,99 |
| 18 | Cacau e suas preparações | 7,01 | 7,21 |
| 29 | Produtos químicos orgânicos | 4,94 | 5,58 |
| 56 | "Pastas ("ouates"), feltros e falsos tecidos, etc." | 6,80 | 4,36 |
| 57 | Tapetes, outros revestimentos para pavimentos, de materiais têxteis. | 2,36 | 4,23 |
| 58 | Tecidos especiais, tecidos tufados, rendas, tapeçarias, etc. | | 4,11 |
| 52 | Algodão | 2,18 | 3,44 |
| 07 | Produtos hortícolas, plantas, raízes, etc.comestíveis. | | 3,08 |
| 22 | Bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres. | 1,91 | 2,78 |
| 63 | Outros artefatos têxteis confeccionados, sortidos, etc. | | 2,63 |
| 76 | Alumínio e suas obras | 3,51 | 2,44 |
| 27 | Combustíveis minerais, óleos minerais, etc.ceras minerais. | 2,52 | 2,26 |
| 83 | Obras diversas de metais comuns | | 2,18 |
| 34 | Sabões, agentes orgânicos de superfície, etc. | 2,12 | 2,17 |
| 46 | Obras de espartaria ou de cestaria | 1,47 | 2,12 |
| 17 | Açúcares e produtos de confeitaria | 4,13 | 2,04 |
| 25 | Sal, enxofre, terras e pedras, gesso, cal e cimento. | 2,83 | 1,85 |
| 41 | Peles, exceto a peleteria (peles com pelo), e couros. | 1,56 | 1,81 |
| 39 | Plásticos e suas obras | 3,05 | 1,79 |
| 61 | Vestuário e seus acessórios, de malha. | | 1,78 |
| 64 | Calçados, polainas e artefatos semelhantes, e suas partes. | | 1,76 |
| 62 | Vestuário e seus acessórios, exceto de malha. | | 1,74 |
| 28 | Produtos químicos inorgânicos, etc. | 2,52 | 1,64 |
| 60 | Tecidos de malha | | 1,58 |
| 59 | Tecidos impregnados, revestidos, recobertos, etc. | | 1,55 |
| 47 | Pastas de madeira ou matérias fibrosas celulósicas, etc. | 1,41 | 1,46 |
| 54 | Filamentos sintéticos ou artificiais | 1,74 | 1,37 |
| 13 | Gomas, resinas e outros sucos e extratos vegetais. | 1,50 | 1,33 |
| 71 | Pérolas naturais ou cultivadas, pedras preciosas, etc. | 1,83 | 1,17 |
| 31 | Adubos ou fertilizantes | 3,30 | |
| 43 | Peleteria (peles com pelo), suas obras, peleteria artificiais. | 1,11 | |
| 55 | Fibras sintéticas ou artificiais, descontínuas. | 1,86 | |
| 61 | Vestuário e seus acessórios, de malha. | 1,46 | |
| 68 | Obras de pedra, gesso, cimento, amianto, mica, etc. | 1,07 | |

Fonte: MDIC – Elaboração Própria, 2005.

A análise da Tabela 12 revela que, para o ano de 1995, dos noventa e nove setores analisados, a região Nordeste apresentou especialização em relação ao Brasil (CSR maior que a unidade) em vinte e oito os setores, destacando-se os seguintes: outras fibras têxteis vegetais, fios de papel, etc.; cobre e suas obras; peixes, crustáceos, moluscos e outros invertebrados aquáticos; frutas, cascas de cítricos e melões; cacau e suas preparações; produtos químicos orgânicos.

No ano de 2004, a região Nordeste apresenta especialização em relação ao Brasil em trinta e dois setores, sendo que permanece com CSR bastante significativo na maior parte dos setores registrados em 1995.

A tabela 12 também mostra que a região perde especialização em relação ao Brasil no ano de 2004 quando comparado a 1995 nos seguintes setores: peleteria (pele com pêlo), suas obras, peleteria artificial; fibras sintéticas ou artificiais, descontinuas; vestuário e seus acessórios, de malha e obras de pedra, gesso, cimento, amianto, mica, etc. No entanto, em 2004, a região ganha especialização em relação ao Brasil nos setores: tecidos especiais, tecidos tufados, rendas, tapeçarias, etc.; produtos hortícolas, plantas, raízes, etc. comestíveis; outros artefatos têxteis confeccionados, sortidos, etc.; obras diversas de metais comuns, e outros.

6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inserção dos estados da região Nordeste no comércio exterior ainda se apresenta de um modo geral, de forma bastante frágil, o que se constatou neste trabalho, através dos resultados do cálculo dos indicadores sugeridos, é que os estados da região Nordeste podem ser divididos em dois grandes grupos no que se refere ao comércio exterior. O primeiro grupo é composto por aqueles que apresentaram, tanto em 1995 quanto em 2004, resultados favoráveis ao comércio exterior, são eles: Bahia, Ceará e Pernambuco; e o segundo grupo é formado pelo restante dos estados (Alagoas, Maranhão, Paraíba, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe). Tais Estados, de uma maneira geral, apresentaram resultados não muito favoráveis ao comércio exterior, ressaltando que o estado da Paraíba, mesmo fazendo parte do segundo grupo, apresentou resultados favoráveis para alguns dos indicadores calculados.

A maioria dos estados concentrou suas exportações em poucos setores no período analisado, exceção feita aos estados da Bahia, Ceará e Pernambuco, que em relação aos demais possui uma pauta diversificada, o que foi visto através do Índice de Concentração das Exportações por Setor (ICS), onde o alto valor desse indicador também se reflete em resultado desfavorável no que se refere ao número de setores que podem ser considerados “pontos fortes” ou setores mais competitivos.

O comércio intra-setorial é pouco expressivo para alguns estados, tais como Alagoas, Piauí e Rio Grande do Norte que, em 1995 tinham um significativo comércio intra-setorial, mas chegam 2004 perdendo em termos deste indicador. Novamente, Bahia, Ceará e Pernambuco são os estados que conseguem manter ao longo do período um comércio intra-setorial significativo e, de um modo geral, o resultados desse indicador se refletem em um baixo grau de especialização produtiva da região Nordeste.

No que se refere ao Coeficiente de Especialização Relativa (CSR), os resultados evidenciaram que a região apresentou especialização positiva em relação ao Brasil em aproximadamente um terço dos setores analisados.

A principal conclusão deste trabalho é que além dos indicadores analisados terem apresentado resultados pouco favoráveis ao comércio exterior da região Nordeste como um todo, a sua pauta de exportação é composta por produtos oriundos de setores que possui pouco valor agregado, intensivos em recursos naturais e trabalho, ou seja, aqueles que mais dificuldade enfrentam na inserção internacional, pelo fato dos países desenvolvidos que

exportam estes mesmos produtos impõem constantemente barreiras ao seu comércio. No entanto, não se pode deixar de destacar a melhora, qualitativa para alguns estados e quantitativa para outros no que se refere às suas pautas de exportação. Dentro desse contexto é que se faz necessário uma ação ativa dos governos estaduais no sentido de adotarem políticas de incentivo às exportações dos setores em que cada estado possua competitividade, pois isso pode gerar um efeito multiplicador em setores que ainda não participam da pauta de exportação desses estados.

7- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTENELE, Ana Maria de C.; MELO, Maria Cristina Pereira de; DANTAS, Antônio Luiz Abreu. Inserção Internacional da Região Nordeste do Brasil. Reações às Políticas de Incentivo e Transformações Recentes. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, volume 32, nº3, p. 366-386, jul/set de 2001.

FONTENELE, Ana Maria de C.; MELO, Maria Cristina Pereira de; ROSA, Antônio Lisboa Teles da. **A Indústria Nordestina Sob a Ótica da Competitividade Sistêmica**. Fortaleza, EUFC/SUDENE/ACEP, 2000.

HIDALGO, A. B. Especialização e Competitividade do Nordeste no Mercado Internacional. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, volume 29, nº especial, p. 491-515, julho de 1998.

_____. Exportações do Nordeste do Brasil. Crescimento e Mudança na Estrutura. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, volume 31, nº especial, p.560-574, novembro, 2000.

LOVE, J. Trade Concentration and Export Instability. **The Journal Development Studies**, volume 15, nº 3, 1979.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br>>. Vários acessos.